

Vovô Majai e as lebres

Tatiana Belinky

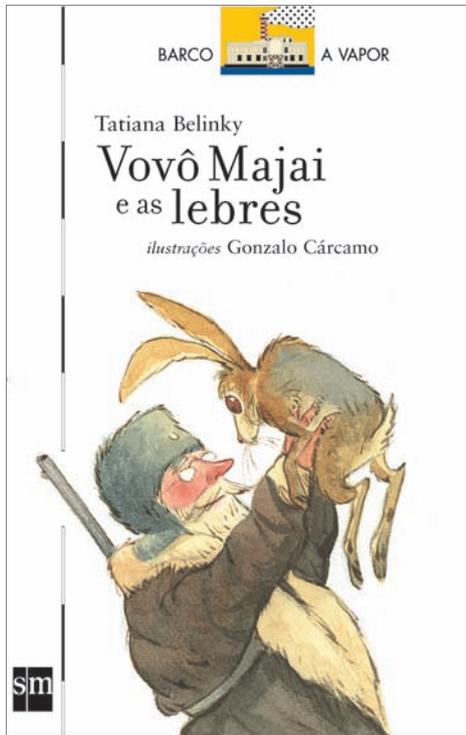


Ilustrações Gonzalo Cárcamo

Tradução Tatiana Belinky

Temas Natureza; Amizade

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Branca nº 1
56 páginas

O LIVRO Durante um temporal de primavera, Vovô Majai conta a seu acompanhante, o narrador que veio da cidade, uma das aventuras que viveu. Na primavera anterior, com as terras alagadas, o velho mujique saíra com seu barco para apanhar gravetos no rio. Deparou-se, então, com lebres e mais lebres que corriam o risco de morrerem afogadas. À medida que remava, encontrava outras lebres e chegou mesmo a correr perigo, pois, para salvá-las, lotara seu pequeno barco que, agora, poderia afundar. Com esperteza, o velho homem permite que todos cheguem a salvo em terra firme. Mas, como lembra aos bichos, ele os salvara porque era primavera... No inverno, quando precisasse das peles, eles que se cuidassem!

A AUTORA Tatiana Belinky nasceu em 1919, na cidade russa de Petrogrado, hoje São Petersburgo; aos 10 anos mudou-se para o Brasil com a família. Grande parte de sua vida tem sido dedicada a contar e escrever histórias para crianças. Ela foi a responsável pela primeira adaptação de *O sítio do pica-pau amarelo*, famosa obra do escritor Monteiro Lobato, para a televisão. Também escreveu peças infantis e em 1985 começou a publicar livros voltados às crianças, tendo escrito mais de uma centena deles.

O ILUSTRADOR Gonzalo Cárcamo nasceu no Chile, em 1954, e mudou-se para o Brasil em 1976. Pintor, ilustrador e caricaturista, ele já fez cenários para comerciais de televisão e desenhos animados, inclusive para os estúdios Disney. Trabalhou em jornais, como a *Folha de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil*, e ilustrou diversos livros.



2008996275080

Mergulhando na temática

A RÚSSIA DO SÉCULO XIX

Caracterizava-se pelo atraso econômico em relação a Europa Ocidental. A França e a Inglaterra, especialmente, viviam os novos tempos trazidos pela Revolução Industrial e pela ascensão da burguesia ao poder, num momento de notável desenvolvimento científico. Predominantemente agrária, a população russa vivia um regime absolutista (sob o domínio do czar) e as propriedades se concentravam nas mãos da aristocracia e do clero. Apenas algumas cidades, já ao final do século XIX, apresentavam os sinais da nova era, mas as indústrias se concentravam na mão dos estrangeiros.

No campo, dominava o regime servil. A maior parte dos camponeses — chamados de *mujiques* — era servos, dependentes dos grandes proprietários — os *boiardos*. Sem salários, trabalhavam arduamente em troca de moradia e de um pedaço de terra para a subsistência. Às vezes, suas casas eram construídas sobre *palafitas*, ou seja, sobre um conjunto de estacas que as sustentavam acima do nível do rio. Nas cidades, a industrialização, ainda incipiente, formava uma classe operária forte, organizada e combativa — que começava a aliar-se aos camponeses, ajudando-os a tomar consciência de seus direitos.

SOBRE NIEKRÁSSOV

O poeta russo Nicolai A. Niekrássov nasceu em novembro de 1821, na Província de Podolsk, e morreu em São Petersburgo, em dezembro de 1877. Filho de um militar aposentado

INTERPRETANDO O TEXTO

UM FUNDO ÉTICO

Uma das características deste conto que Tatiana Belinky reescreveu, inspirada no poema do russo **Niekrássov**, diz respeito a como entender atitudes paradoxais, pois como pode um caçador importar-se em salvar os mesmos animais que caça?

Com base nesse paradoxo, a autora vai construindo a moral da história. Vovô Majai é um **mujiqe** cujas ações, apesar de parecerem paradoxais, são conduzidas de maneira coerente e justa. A forma de compreender o mundo e de nele se conduzir — a ética, ou a conduta na vida social, regida por costumes e crenças — importa como fonte de sabedoria, sobretudo num momento histórico em que a sociedade e os valores estão se transformando.

Na **Rússia do século XIX**, a mentalidade rural e a mentalidade urbana criavam seus primeiros confrontos. Nas cidades, o luxo, o divertimento e a posse de bens conviviam com o progressivo afastamento da vida comunitária, fundada nos ciclos criados pela própria natureza. Vovô Majai é o homem do campo que tem algo a ensinar ao menino da cidade. Os habitantes de sua aldeia sabem que, em suas terras, as chuvas primaveris lhes trazem a fertilidade do campo, mas também os ameaçam, com os alagamentos dos rios. É assim que eles aprendem a construir suas casas de palafita.

Mas o velho mujiqe tem mais a ensinar: como caçador, seu prazer não está no extermínio dos animais, caça-os para alimentar-se e para proteger-se do frio. Com sua sabedoria, percebe que, com a caça predatória dos “homens irresponsáveis”, a vida animal corre muitos riscos. Mais do que expor seus conhecimentos, Vovô Majai age de acordo com o que pensa e em que acredita: convive com a natureza, protege-a, mas também se alimenta dela, somente para atender às suas necessidades. Com sua atitude de salvar as lebres da morte, Vovô Majai revela o senso ético que todos os caçadores poderiam ter.

A ética do velho homem da aldeia nasce da observação dos costumes daqueles que matam por divertimento e da relação entre natureza e vida humana. Consciente da necessidade de preservar a vida natural, Vovô Majai ensina que a natureza tem de ser protegida, e que a exploração dela tem de ser feita de modo

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

do exército, foi criado numa fazenda da família até os onze anos de idade. Niekrássov não terminou o ginásio e não obedeceu ao desejo do pai de seguir a carreira militar. Por isso o poeta passou a viver pobremente. Escreveu peças de teatro e panfletos para sobreviver. Defendeu a abolição da escravidão (de “servos de gleba”) na Rússia. Como nos conta a própria Tatiana Belinky, o escritor — como o seu Vovô inventado — também amava a natureza e lutou corajosamente pela defesa da flora e da fauna de sua pátria.

PARA UMA DISCUSSÃO ECOLÓGICA

A necessidade de preservar a natureza como condição para a sobrevivência da humanidade tornou-se conhecida e divulgada após as grandes convulsões sociais trazidas pelo desenvolvimento do capitalismo. Marco da destruição causada pelo homem em sua luta pelo poder político e econômico, a explosão da bomba atômica, na primeira metade do século XX, trouxe conseqüências que ainda hoje se fazem sentir. Cada vez mais, a exploração da natureza tem sido denunciada por diversos países e por organizações não-governamentais, as ONGS, que se reúnem para preservar as condições de vida no planeta. E a consciência de que os interesses monetários não devem ameaçar a vida humana se difunde cada vez mais na sociedade. A luta pela sobrevivência persiste, quase a nos dizer que muitos Vovôs Majais precisam sempre existir.

racional. Na primavera, não apenas as chuvas prepararam a terra, como os animais se reproduzem. Assim, matar animais nessa época, ou não protegê-los das chuvas que alagam a região, é semear a morte de todos.

RELAÇÕES SOCIAIS E SABEDORIA

No conto, a amizade entre o velho e o menino sugere também uma relação bastante específica entre classes sociais. Majai é um mujique viúvo, chamado por toda aldeia de Vovô. O menino da cidade, que todos os anos passa alguns dias na palafita de Majai e a quem o velho homem conta uma de suas aventuras, também o chama assim, mas é tratado pelo velho como “patrãozinho”.

Através das formas de tratamento (vovô/patrãozinho), não se oculta que, do ponto de vista de sua situação social, Majai é um servo que nada possui de seu e que vive de suas “caçadas de sobrevivência”.

A relação servo/senhor, porém, não impede que aquele que tenha ensinamentos a dar ao menino da cidade seja o mujique. É ele quem detém o conhecimento da aldeia e quem acompanha a progressiva destruição da vida selvagem. Este caçador caça apenas o necessário para sobreviver e protege a vida dos animais para que o ciclo da vida possa perpetuar-se, sem ameaças nem aos homens, nem à natureza.

Apesar da condição subalterna do ponto de vista econômico e social, é a integração do Vovô com seu ambiente que dá as cartas: ele ensina algo de valioso como modelo de comportamento a ser seguido.

Os mais velhos têm algo a ensinar; a vida que viveram, tudo o que aprenderam, torna-se fonte das narrativas exemplares a serem preservadas. Assim como as peles das lebres aquecem os homens no inverno, as histórias de Vovô Majai aquecem a memória daquele que um dia foi menino e, agora, muitos anos depois, vem contar a outros meninos o que aprendeu na saudosa aldeia de sua infância. Talvez ela nem exista mais, talvez ela nunca tenha existido de verdade, mas permanecem vivas as palavras daquele que protege os animais porque os ama e apenas se alimenta deles para sobreviver, mostrando assim toda a sua consciência ética e sabedoria de preservação da vida.

UMA HISTÓRIA DENTRO DA HISTÓRIA

Neste livro, um narrador, provavelmente já adulto, reconta o que viveu quando criança. A aldeia que amava era também a aldeia em que conhecera o Vovô Majai e suas histórias.



Recomenda-se a visita ao *site* do Green Peace (www.greenpeace.org.br) e a *sites* de organismos que defendem o equilíbrio ecológico (como www.wwf.org.br), a fim de abrir espaço à discussão do conceito de “desenvolvimento sustentável”.

Outras sugestões

Consultas sobre a Eco-92, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, e o Tratado ou Protocolo de Kyoto, disponível em www.comciencia.br/reportagens/biodiversidade.

O menino da cidade tornou-se um homem, conhecedor de muitas coisas. Pode, então, na sua própria narrativa, comparar a velha aldeia a uma “espécie de pequena Veneza rural”. Homem viajado, que conhece as aldeias da Rússia e as paisagens da Europa, o narrador foi buscar em suas memórias infantis a voz que lhe ensinou a amar a natureza e a protegê-la.

Para melhor contar o que Vovô lhe ensinou, o narrador cede a voz ao velho mujique. Assim, temos uma história dentro da história, que é o fundamento deste enredo. Na junção de vozes (a do narrador da cidade e a do Vovô), constrói-se um jogo entre vida real e imaginação. Será que existiu mesmo o Vovô Majai? Será que existiu mesmo esse “patrãozinho” que, durante a primavera, passava alguns dias na palafita de um mujique?

Mais do que saber se de fato eles existiram ou não, importa lembrar que Tatiana Belinky está recontando um poema de um autor russo, que ela ouvia quando criança, em sua Rússia natal. Através desse jogo entre duas literaturas (a russa e a brasileira) e duas épocas (século XIX e a atualidade), o texto ajuda-nos a descobrir o que não sabíamos: a época histórica dos mujiques, as informações geográficas sobre uma floresta e uma aldeia da velha Rússia onde a população construía casas de palafitas. Ajuda-nos também a reinventar o que sabemos ser decisivo (a necessidade da preservação da natureza), e a recontar novas histórias, de outros avôs e avós.

CONVERSANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

É interessante começar com uma contextualização histórica e geográfica da narrativa: a época histórica dos mujiques, as informações geográficas sobre uma antiga aldeia russa etc. A biografia da autora pode servir como ponto de partida para essa contextualização. A origem russa de Tatiana Belinky pode ser a ponte para um primeiro contato com a história e cultura russas.

Em seguida, pode-se fazer uma pequena referência biográfica a Nicolai A. Niekrássov e ao fato de que a autora reconta um poema dele, que ela ouvia na infância. Isto pode também ajudar os alunos a melhor compreenderem o texto.

Sugere-se alertar os alunos sobre as eventuais dificuldades de vocabulário que eles podem encontrar para, assim, orientá-los sobre a necessidade e a melhor forma a enfrentar esses desafios. (Sugerir a pesquisa das palavras no Dicionário).

Alguns comentários sobre o ilustrador e a técnica utilizada para as belas aquarelas, podem ajudar os leitores a acompanhar com um olhar mais atento as imagens e seus inúmeros detalhes.

DURANTE A LEITURA

Sempre que possível, vale a pena o professor iniciar a leitura em voz alta para a classe, de modo a despertar o interesse e a curiosidade dos alunos. A leitura pode ser interrompida na p. 3, enquanto a ação ainda não se desenvolveu. Neste ponto da narrativa, pode-se propor uma atividade em conjunto: a elaboração de um painel sobre a aldeia utilizando as técnicas de desenho, da aquarela, colagem e bricolagem. Para isso são necessários materiais diversos, como folhas secas, barbantes, botões e tudo o mais que a imaginação das crianças trouxer para dentro da sala de aula, podendo o painel ficar exposto na classe até o fim da leitura do livro.

DEPOIS DA LEITURA

Várias atividades podem ser propostas:

1. Uma discussão em roda — como nas sessões das histórias orais — em que os alunos relatam se têm parentes que vivem em comunidades rurais ou se lembram de alguma história que tenha sido contada por esses parentes. Com base nos relatos, o professor poderá levantar a questão ética que está por trás da história do Vovô Majai, assim como a questão da sabedoria dos mais velhos e o respeito que se deve ter para com eles.
2. Dependendo do interesse da classe, pode-se propor a realização de uma pesquisa e coleta de textos fora dos muros da escola. Cada aluno deve procurar, com seus parentes ou amigos, ouvir uma história que corre o risco de ser esquecida. Um adulto a registraria por escrito e, assim, se formaria uma coletânea, cujo título seria escolhido pela classe.
3. Também para a narração oral, há elementos de histórias maravilhosas que podem ser resgatados. Em *Vovô Majai e as Lebres* aparece a crença em duendes. Os alunos poderiam contar o que sabem sobre duendes, sobre fadas, sobre outros seres fantásticos, bons ou maus. Poderia ser organizada uma sessão — que incluísse os pais dos alunos onde cada um contaria suas histórias, observando, no entanto, que as histórias fossem realmente orais, que surgissem das vozes e dos gestos de cada um. Essa atividade pode contribuir para trazer para dentro da escola toda a riqueza da tradição oral da comunidade.

4. Pode-se propor uma pesquisa sobre a necessidade de preservação da natureza e sobre o desaparecimento de várias espécies animais por causa da ação predatória do homem. A classe pode ser dividida em grupos que se encarreguem de pesquisas específicas (animais em extinção da fauna brasileira, e de outros continentes etc.).